

VALORES CONSTITUÍDOS NAS EXPERIÊNCIAS FORMAIS E NÃO FORMAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA COMPREENSÃO DA DIFERENÇA NO PROCESSO INCLUSIVO

Graciele Massoli Rodrigues
Nathally Vaz da Silva

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi compreender como os valores constituídos ao longo das experiências formais e não formais refletem na compreensão sobre a diferença. A pesquisa teve a entrevista estruturada por pautas como instrumento, e nela participaram quatro professores de Educação Física com alunos com deficiência em suas turmas. Para análise, utilizou-se o discurso do sujeito coletivo. Identificamos que há influência das atitudes do professor no relacionamento da sala e essas se desdobram a partir dos seus valores e atitudes cotidianos. Concluímos que os valores constituídos na compreensão da diferença são modeladores de atitudes vivenciadas durante a formação individual.

Palavras chave: Valores; Diferença; Atitudes

ABSTRACT

The objective of this research was to understand how the values constituted along the formal and informal experiences affect the understanding of difference. The research had the interview structured by guidelines as instrument, and four teachers of Physical Education who had students with disabilities in their groups took part in it. For analysis, the collective subject's speech was used. We identified that the students' relationships are influenced by the teacher's attitude, which unfold from his/her daily values and attitude. We concluded that the values constituted in the understanding of difference mould the attitude lived during the individual formation.

Keywords: Values; Difference; Attitude

RESUMEN

El objetivo de ese estudio era entender como los valores establecidos a lo largo de las experiencias formales y informales afectan la comprensión de la diferencia. La investigación tenía la entrevista estructurada por las pautas como instrumento y en ella participaron cuatro docentes de Educación Física con los estudiantes con discapacidad en sus grupos. Para el análisis, el discurso del sujeto colectivo se usó. Identificamos que hay influencia de las actitudes del docente en la relación del aula y que estas se desarrollan a partir de sus valores y actitudes cotidianos. Llegamos a la conclusión que los valores constituidos en la comprensión de la diferencia son los modeladores de actitudes vividas durante la formación individual.

Palabras claves: Valores; Diferencia; Actitudes

Introdução

Concebendo que a compreensão de um fenômeno perpassa pela tradução não apenas do passado ou futuro, mas principalmente pelo cotidiano, Heller (2000 apud Maheirie, 2002) nos clareia que o indivíduo está “no centro do acontecer histórico” e com isso vemos a verdadeira essência da vida social. Com essa concepção verificamos que os valores que o indivíduo adquire durante sua formação influenciam nas escolhas e atitudes enquanto profissional.

Maio & Olson (1998 apud Pereira et al., 2001) afirmam que os valores construídos socialmente e compartilhados são raramente questionados pois são constituintes norteadores de ações, escolhas, julgamentos, atitudes e explicações sociais conforme apontam Rokeach (1979) e Williams (1979) apud Pereira et al. (2001). Assim, as atitudes entendidas conforme Stoetzel (2000 apud Poulain e Proença, 2003, p.05) como a " (...) maneira pela qual uma pessoa se situa com relação a objetos ou práticas que são valorizados pelo grupo social na qual ela está inserida" são passíveis de análises pois refletem ainda a identidade configurada por cada sujeito, pois “é uma categoria política disciplinarizadora das relações entre as pessoas, grupo, ou sociedade, usada para transformar o outro em estranho, igual, inimigo ou exótico” (SAWAIA, 1996 apud MAHEIRIE, 2002, p.41).

Sabemos que o fato dos homens nascerem e viverem em sociedade, implica na sua formação enquanto ser genérico e pertencente ao gênero humano, ou seja, para se formar o indivíduo tem que se formar um ser social (DUARTE, 1993). Para Tuan (1983 apud Sachwed, 2007), ao tratarmos de formação da identidade social, não podemos nos esquecer que ela está ligada à própria concepção do indivíduo, inclusive em suas necessidades biológicas e emocionais. Encontramos em Sachwed (2007) a idéia de que aos indivíduos é permitido em determinados momentos, um “criar e recriar” de identidade.

Para (Turra, [s.a]) a formação da identidade é um processo complexo e cultural, posto que ocorre ao longo do desenvolvimento humano e essa idéia é sustentada também por Duarte (1993) que afirma que, o homem vai se auto-criando, se humanizando e construindo as características que o define.

Segundo Dubar, (2005 apud Sachwed, 2007) o momento que o sujeito assimila estruturas sociais já construídas e incorpora seus diferentes significados, passa a construir suas próprias estruturas mentais que, quando são acomodadas e refletidas em sua forma de ser, são chamadas de identidade pessoal (DUBAR, 2005 apud SACHWED, 2007). Assim, conforme nos aponta Amaral (1988, p. 26) é

“diante da manifestação da diversidade, diante da diferença significativa/deficiência, talvez possa surgir uma nova mentalidade. E dessa nova mentalidade talvez surja uma nova configuração no jogo do poder. E dessa nova configuração poderá brotar uma nova dinâmica de interações sociais, quando o centro do poder estará então, e só então, dinamicamente passando de um pólo a outro.” (Amaral, 1998, p.26)

Dessa forma Goffman (1988, p. 67) compreende que o termo identidade pessoal se refere à “marcas positivas ou apoio à identidade e combinação única de itens da história de vida que são incorporados ao indivíduo”. Brandão (1986 apud Ramos, 2006),

adverte que o homem apenas se reconhece como único quando se observa em relação aos outros, diferentes dele, e, esse fato reforça a importância do outro na formação da identidade humana. Portanto, a historicidade de cada indivíduo, da infância até a idade adulta, é a chave da compreensão do que é a “sociedade”.

Para Duarte (1993) a compreensão do homem como ser social, onde as atividades humanas que se realizam sob determinadas condições sociais, são resultados das relações de uns com os outros. Compreende-se então que a construção do sujeito é a percepção de si mesmo daquilo que o cerca a partir da intencionalidade do meio no qual se insere.

O aspecto marcante que nos chama a atenção é que a mesma pessoa pode ser ou não ser de qualquer forma, com qualquer característica, pois apoderamos-nos de sua identidade no momento que compactuamos com a liberdade de “jogar” com o que queremos que o sujeito seja.

“Entre o olhador e o olhado há um oceano de condições diferentes. Um, aquele que olha, é soberano, dono do olhar e da direção do olhar. O outro, o diferente, aquele que é olhado, fica na dependência da decisão e da direção do olhar daquele que olha! Enquanto o olhar daquele que tem domínio da decisão e da direção de e para onde olhar compõem a história oficial que preenche milhares de volumes de livros, milhares de películas de cinema, a impotência daqueles que são destinatários dos olhares dos primeiros é uma história que ainda está por ser escrita, embora já feita e diariamente venha sendo refeita.” (Bianchetti, 2002, p.7).

Com o apoderamento do ato relacional vemos que a realidade é um ato secundário, o que nos leva a crer que o imaginário é primário e sendo assim, para a imaginação não há limites porque o eu não precisa comprovar o que pensa, basta acreditar. A realidade concreta de uma pessoa é o seu imaginário que constitui e portanto, nele há fantasia, reprodução e projeção do imaginário pessoal e social. O outro passa a ser aquele que o eu acredita que ele é e não quem ele realmente é. Assim, nos vemos na condição de criadores da “figura” do outro. Pensa-se o outro como se quer e portanto a sua imagem reflete a própria perspectiva. Assim,

‘respeitar’ a dignidade e ‘re-conhecer’ o sujeito ético do novo outro (como autônomo, também de um possível ‘dissenso’, como dis-tinto) é o ato ético originário racional prático kat’ exokhén, pois é ‘dar lugar ao outro’ para que intervenha na argumentação não só como igual, com direitos vigentes, mas como livre, como outro, como sujeito de novos direitos. (DUSSEL, 2002, p. 419).

Considerando que o valor é “(...) uma crença duradoura de que um modo específico de conduta ou estado final de existência é pessoal ou socialmente preferível a um modo de conduta ou estado final de existência oposto ou inverso” conforme esclarece Rokeach (1973 apud Pereira et al. 2001, p.178) vemos que sua constituição navega nas ondas das classes ou grupos dominantes. De acordo com Salvador (2000, p. 322 apud Furtado, 2003, p.01), “(...) os valores agem como objetivos e referenciais na

vida. São eles que proporcionam sentidos, orientam os juízos e permitem que cada ser humano tome as suas decisões”.

Nesse perfil de compreensão Cabana (1996 apud Menin, 2002, p.930) define que os “(...) valores são os critérios últimos de definição de metas ou fins para as ações humanas e não necessitam de explicações maiores além deles mesmos para assim existirem (...)”. Contudo, vale ressaltar que o ser humano pode conscientemente escolher ou direcionar suas ações, através de suas atitudes, demonstrando o valor de suas palavras e o poder de seus pensamentos em tudo o que realiza, assim, os valores, tornam-se aspectos centrais na organização das atitudes (ROKEACH, 1968 apud PEREIRA et. al., 2004).

Mais uma vez o desafio está em entender a unicidade do indivíduo no contexto ampliado da sociedade e articular esse processo na diversidade do meio escolar. Sob esse prisma a caracterização atitudinal frente a cada indivíduo, particularmente as pessoas com deficiência, está traçada pela dinâmica exposta. Porém, o conhecimento que se configura na sociedade é gerado e disponível sobre diferentes recortes. Conhecer a pessoa com deficiência perpassa também pelo conhecimento dos contextos nos quais o conceito de deficiência se formou e por consequência, delineiam essas pessoas.

Para Skilar (1999, p. 18) é necessário

“(...) compreender o discurso da deficiência para logo revelar que o objeto desse discurso não é a pessoa que está na cadeira de rodas ou a que usa aparelho auditivo ou o que não aprende segundo o ritmo e a forma como a norma espera, senão os processos sociais, históricos, econômicos e culturais que regulam e controlam a forma acerca de como são pensados e inventados os corpos e as mentes dos outros.”

Analisando essa questão, não podemos deixar de considerar que os alunos são seres com individualidades distintas e uma bagagem prévia de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora da escola (SOUSA e ALTMANN, 1999).

“Os valores são transcendentais, manifestam-se de maneira individual e são representações construídas ao longo da vida, socialmente. São condicionantes da maneira que cada pessoa vê o mundo e de como se situa no mesmo. Possuem uma gênese histórico-‘social, são dinâmicos, mudando de acordo com a cultura” (FURTADO, 2003, p.06)

Já no que se refere aos educadores, vemos a dificuldade de compreender o mecanismo coercivo da representação do imaginário na diferença e isso os distancia do ato pedagógico, pois, sobretudo, não se visualiza no ato educativo a ação política inerente. Estamos diante da diversidade que hoje clama a resignificação e nesse sentido, destacamos Góes (2005) que pontua o risco que a escola corre ao tomar os alunos como acessórios, sem que haja mudanças no projeto pedagógico da escola.

Dessa maneira, Havice (1999, apud Steil et al, 2005), as atitudes influenciam a motivação direcionada à aprendizagem e auxiliam ao delineamento das ações humanas, incluindo a aceitação de mensagens educacionais e, dessa maneira, podemos afirmar

que os valores não aparecem separadamente das atitudes, pois acreditamos serem eles os responsáveis pelo desenvolvimento das atitudes. A atuação profissional vai nesse sentido, muito além do conhecer pois nos coloca como autor e ator da singularidade das intervenções.

No sentido do inacabado, vislumbramos o aprender que não tem em si um fim, mas sempre o recomeço e a reconstrução porque perspectiva a desconstrução dos pilares estandardizados da formação. Assim, vivenciar a administração do processo de formação com a percepção e sensibilidade da realidade, vai exigir uma autonomia e competência pedagógica – ética e política – e sobretudo isso nos faz pertencer ao aprender da ação pedagógica e nos torna sujeito em descoberta na constante reavaliação daquilo que se descobre.

A busca da identidade é particular e individual e sempre inacabado. Cada ser percorre o caminho diferente e único, buscando a sua identidade específica. Mas, para que cada cidadão se encontre como pessoa única e irrepetível, é imprescindível que viva em condições de familiarizar-se consigo mesmo sendo um rosto – um ser – humanamente respeitado e reconhecido em seus direitos. (DALBERIO, 2007, p. 2)

Com esse contexto, a pesquisa visou compreender de que forma os valores constituídos ao longo das experiências formais e não formais na formação do sujeito refletem na sua compreensão sobre diferença.

Metodologia

Essa pesquisa foi do tipo descritiva qualitativa de acordo com Lakatos e Marconi (2000). Como instrumentos para coleta de dados utilizamos uma entrevista estruturada por pautas (GIL, 1999). Participaram quatro professores de Educação Física do ensino regular, selecionados de forma intencional e por acessibilidade no universo das escolas públicas e particulares com a graduação concluída a mais de quatro anos, e inseridos no trabalho cotidiano com a presença de alunos com deficiência em suas turmas.

Para análise dos dados, utilizamos como método o discurso do sujeito coletivo que, de acordo com Lefèvre e Lefèvre (2003). Os sujeitos após assinarem o termo de consentimento livre e esclarecidos participaram da pesquisa.

As pautas da entrevista foram: história de vida; correlação da história pessoal e a construção do perfil profissional; valores no processo de inclusão da pessoa com deficiência; intervenção pessoal nas construções dos grupos de alunos; o diferente e a formação da identidade.

Resultados e discussão

Com relação ao relato sobre a história de vida e os momentos marcantes no cotidiano escolar obtivemos o seguinte discurso:

“A vivência com modalidades encaminhou a escolha da profissão. Há recordação de determinado comportamento direcionado à bagunça mas ainda assim,

pensa-se que há possibilidades de se alterar comportamentos a exemplo de suas próprias histórias de mudança.”

Podemos então afirmar que, no discurso coletivo encontrado houve uma forte influência da escola na infância desses indivíduos e as situações marcantes, até hoje se fazem presentes, na construção e expressão das identidades. Para Duarte (1993), o homem vai se auto-criando, se humanizando e construindo as características que o define.

Dubar (2005 apud Sachwed, 2007) acrescenta que o momento que o sujeito assimila estruturas sociais já construídas e incorpora seus diferentes significados, passa a construir suas próprias estruturas mentais que, quando são acomodadas e refletidas em sua forma de ser, são chamadas de identidade pessoal.

A vivência escolar durante sua formação e, conseqüentemente a construção de uma determinada identidade, desdobra-se nas opções e preferências pessoais, tal como por um determinado tipo de atividade. Carvalho (2004 apud Ramos, 2006), identifica suas preferências e necessidades, passando então à buscá-las e excluir as que julgue desnecessárias. Foi possível verificar que houve influência de situações que ocorreram ao longo da vida de suas vidas, e que estas irão influenciá-los de maneira à fornecer à cada um, uma singularidade construída na relação com outros indivíduos (LAURENTI e BARROS, 2000).

“Procura-se passar aos alunos, o que um professor passou à tempos atrás, não apenas como professor mas como indivíduo. A maneira encontrada de transmitir isso, foi utilizando as experiências anteriores juntamente com a vontade e isso têm moldado e feito com que se aprenda à cada aula.”

Com relação aos episódios da história de vida dos pesquisados com algumas situações que colaboraram na construção do seu perfil profissional pudemos perceber a influência dos fatos que ocorreram no processo de formação do indivíduo na sua atuação profissional, especificamente ao que se refere aos valores e percebemos que, para os sujeitos entrevistados, fica claro que as situações que ocorreram durante sua formação, ou seja, no período escolar, interferiram na construção de seu perfil profissional, idéia essa que é defendida por Betti (1995, apud Betti e Betti 1996) que nos fala que os relatos de experiências e histórias de vida apresentam desdobramentos na atuação do professor e delinea sua atuação.

Goffman (1988, p. 67), nos afirma que o termo identidade pessoal se refere à “marcas positivas ou apoio à identidade e combinação única de itens da história de vida que são incorporados ao indivíduo”, logo, as situações que ocorrem na vida do indivíduo, irão compor sua história de vida e consecutivamente, sua identidade, o que irá moldar seu perfil profissional.

Refletindo sobre os valores desses sujeitos, que, de acordo com Salvador (2000, p. 322 apud Furtado, 2003) são os valores que proporcionam sentido, orientam os juízos e permitem que cada ser humano tome as suas decisões. Observamos que a vivência desses indivíduos os trouxeram para o universo da Educação Física

Quando se observa no texto, a referência à um professor especificamente, lembramos do texto de Steil et al. (2005) que discute que as atitudes são influenciadas simultaneamente pela cognição e pelo afeto e, a forma de influência desses dois elementos acontece de forma diferente entre os indivíduos na determinação das atitudes dirigidas a diferentes situações.

Com relação aos valores identificados no processo de inclusão escolar do indivíduo com deficiência encontramos:

“As pessoas que convivem com uma pessoa com deficiência ganham mais com o contato do que o próprio indivíduo com deficiência, e, se analisarmos na escola, o aluno sem deficiência ganha mais do que o com deficiência. Só o fato dos alunos estarem participando e saindo da sala, você já está incluindo; acaba-se valorizando esse aluno.”

Vinha (1999) que ressalta sobre a construção da moral e dos valores, que não se dão apenas por um ou outro fator (meio), mas a partir da interação entre o indivíduo e esses fatores. Bock (1999), que fala sobre essa influência na aprendizagem do indivíduo e defende a idéia de que não há um desenvolvimento pronto dentro de nós; o desenvolvimento vai se atualizando e recebendo influência externa. Já Beltrame e Ribeiro (2004), nos alertam que a educação inclusiva requer, sobretudo, a mudança nos valores e atitudes nos profissionais da educação, pois isso irá refletir nas habilidades e capacidades de interação com essa população sem segregá-la.

Se analisarmos a questão dos valores na atuação do docente, Delors (1999 apud Beltrão e Macário, 2000) afirma que são imensas as responsabilidades dos professores, pois cabe à eles formar o caráter e o espírito das novas gerações, sendo enfatizado os valores morais adquiridos na infância e ao longo de toda a vida.

Os valores que o professor adquire ao longo de sua vida vão influenciar a maneira como encara a necessidade de transmitir conhecimento ao educando e suas ações devem estar ligadas à construção de valores inclusivos junto aos alunos, para, de fato, haver a construção de uma comunidade receptiva (SANTOS e PAULINO, 2004 apud SILVA E SALGADO, 2005).

Para Rogers (1986 apud Silva e Salgado, 2005 p.46) os valores são interativos e isso se dá nas relações diádicas, tal como sugere:

“Os valores são construídos na interação. Para, o trabalho do professor e educador, tal como o do terapeuta, acha-se inextrinsecamente envolvido com o problema dos valores. A escola sempre foi encarada como um dos meios através dos quais a cultura transmite os seus valores”.

Sob essa reflexão, Vinha (1999) nos alerta que ao contrário do que se pensa, os valores não são ensinados diretamente e cabe a nós educadores, analisarmos profundamente a nossa contribuição na construção dos valores presentes dentro do processo de inclusão, sobretudo, nas relações com os alunos e revermos o ambiente no qual elas interagem.

Quanto à interferência da atuação nas construções dos grupos dos alunos (em suas aulas) encontramos:

“É fundamental que eles se conheçam e para isso, é necessário deixá-los à vontade para ficarem uns com os outros, mas em alguns momentos durante a aula de educação física, há a constituição de quem joga determinada coisa ou ainda se é habilidoso ou não.”

Para Tavares e Krug (2003), o papel do educador é fundamental para alinhar o processo num grupo heterogêneo e no processo de inclusão esse aspecto é fundamental. Para Venditti Júnior e Winterstein (2005) os alunos tendem a juntar-se, pois isto cria um determinado padrão ou identidade no grupo e caracteriza e define cada sujeito dos demais. Esse aspecto é o que chamamos de identidade coletiva; os integrantes se reconhecem e depositam seus interesses pessoais, buscando metas e transformando-as em ações coletivas e objetivas em conjunto. Assim, nada mais natural do que permitir

que os alunos formem os próprios grupos. Porém, considerando o direcionamento do professor na perspectiva da inclusão, Hort e Fischer (2003) concebem a inclusão como algo maior do que simplesmente a presença física dos alunos na sala, mas deve ser baseada na interação com os demais alunos, sendo promovida por intervenções do professor, garantindo assim, as relações sociais entre todos. A interação que é promovida pelo professor no discurso dos pesquisados fica evidente a atuação dos professores de maneira à auxiliar na construção dos grupos em suas aulas.

Com relação a participação da pessoa com deficiência (que está em sua aula) na formação da identidade do profissional identificamos:

“A vivencia com deficientes é um aprendizado e quando aparecem esses desafios, nota-se crescimento e mudança de atitude e alteração na forma de dar aula, de uma maneira positiva”.

Acreditamos que os vínculos estabelecidos entre as pessoas são essenciais na formação da identidade do indivíduo, pois é na interação social que ele começa a se construir e se reconhecer como pessoa, além de compreender que não está só no mundo e que as outras pessoas, apesar de diferentes, são seus semelhantes (RAMOS, 2006).

Cunha (2008) reflete sobre o fato da criança se sentir desconfortável e intimidada em um ambiente novo, mas é o professor que primeiro tem que aprender a lidar com a realidade de seu mundo e, nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é a criança. Mazzotta (1993, apud Filus e Martins Junior, 2004) ressalta que para auxiliar o processo de ensino, é sugerido que a formação dos professores contemple experiências práticas com alunos “deficientes”

Maciel (2000, p.8) comenta que os alunos que possuem alguma necessidade educativa especial ao entrar para a escola “terão que se integrar e participar obrigatoriamente de três estruturas distintas da dinâmica escolar: o ambiente de aprendizagem; e a interação aluno-aluno, a integração professor-aluno”.

Duarte (1993) que nos fala que, o homem vai se auto-criando, se humanizando e construindo as características que o define. Assim, identificamos que os relatos apontam que os profissionais crescem, mudam de atitudes e forma de ministrarem suas aulas através da interação com os alunos no próprio ambiente escolar.

Assim, em tempos de inclusão vemos que há uma tendência irreversível das ações educacionais inclusivas que apontam para uma trajetória árdua e difícil, mas acima de tudo possível e necessária para uma sociedade que se reconhece e se reconstitui a partir da segunda metade do século XX como sociedade mais humana e cidadã.

Considerações Finais

Identificamos que há influência nas atitudes do professor diante do relacionamento com a sala e da sua historicidade e por conseqüência, essas se desdobram a partir dos seus valores e atitudes cotidianos. Pudemos verificar que ocorreram ao longo de suas vidas situações que os influenciaram de maneira a fornecer à cada um deles, particularidades construídas na relação com outros indivíduos. Acrescido a isso, observamos possíveis influências de suas vivências no período escolar que moldaram seu perfil enquanto profissionais.

Pudemos notar que os valores não são ensinados diretamente e cabe a nós educadores, analisarmos profundamente a nossa contribuição na construção dos valores presentes dentro do processo de inclusão, sobretudo, nas relações com os alunos e

revermos o ambiente no qual elas acontecem, pois nossos valores poderão contribuir para a concretização ou não de um ambiente menos excludente.

Finalizando, podemos avaliar que os valores constituídos nas experiências formais e não formais e suas implicações na compreensão da diferença no processo inclusivo são modeladores de atitudes que foram vivenciadas durante a formação de cada um de nós, mas, sobretudo, são redefinidas a cada interação que permitimos e propiciamos com nossos pares e alunos. Dessa forma, devemos considerar que, enquanto sujeitos concretos que possuem limitações, nos arranjos que intervimos, temos que equalizar e concretizar os conhecimentos abstraídos de nossa formação para uma sociedade negue menos a diferença e a desigualdade, para uma possível abertura ao espectro de possibilidades individuais.

Referencias Bibliográficas:

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Julio Groppa. *Diferenças e preconceito na escola : alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

BELTRAMI, Thaís Silva; RIBEIRO, Joyce. Atitudes de graduandos em educação física do CEFID em face da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v. 15, n. 2, p.17-22. 2004

BELTRÃO, Fernanda Barroso; MACÁRIO, Nilza Magalhães. O Bom Professor de Educação Física: Visão do Estado, Visão do Aluno. *Revista Motriz*. v.6, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/06n2/Beltrao.pdf> Acessado em 27 de outubro de 2008.

BETTI, Irene C. Rangel; BETTI, Mauro. Novas perspectivas na formação profissional em educação física *Revista Motriz*, v.2, n.1, 1996.

BIANCHETTI, Lucídio. Um olhar sobre a diferença as múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências. In: *Revista Brasileira de Educação Especial*. v.8. Marília: editora Unesp Marília publicações, 2002, pp.1-8.

BOCK, Ana M. Bahia (org). *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CUNHA, Eugenio. Inclusão - Autismo Infantil: Práticas educativas na escola e na família. 2008. Disponível em: <http://www.profjoabeauclair.net/blog.php?idb=14422> Acessado em 23/09/08.

DALBERIO, Maria Célia Borges. A Filosofia da Libertação: um caminho para a inclusão educacional. In: *Revista Eletrônica do Núcleo José Reis de Divulgação Científica. Placa de Petri*. Disponível em <http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/espinal/placa26b.htm> - Ano 7, Nº 26; jan – março 2006. Acesso em setembro 2007.

DUARTE, Newton. *Individualidade para si. Contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. Editora Autores Associados. 1ª ed. 1993.

DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação – na idade da globalização e da exclusão*. 2. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves; Jaime A. Clasen; Lúcia M.E. Orth. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

FILUS, Josiane Fujisawa; MARTINS JUNIOR, Joaquim. Inclusão de pessoas com deficiência na escola: a opinião dos professores de Educação Física. *Acta Scientiarum. Ciências Humanas e Sociais*. Maringá, v.06, n.1, p.103-08, 2004. Disponível em: http://www.ppg.uem.br/Docs/ctf/Humanas/Acta%20scientiarum%20-%20Ciencias%20Humanas%20e%20Sociais%20v26_01.htm. Acesso 17/03/07.

FURTADO, Valéria de Almeida. *A influência dos valores pessoais como fatores facilitadores ou dificultadores na administração da organização escolar*. Santa Catarina. 2003 (Tese apresentada obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina)

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Editora Atlas, 2. Ed., São Paulo, 1999.

GÓES, Maria Cecília Rafael. Desafio da inclusão de alunos especiais: a escolarização do aprendiz e sua constituição como pessoa. In GÓES, M. C. R. e LAPLANE, A. L. F. *Políticas e práticas de educação inclusiva*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1988.

HORT, Ivan Carlos; FISCHER, Julianne. Educação Física: Caminho para uma prática inclusiva. *Revista do Instituto Catarinense de Pós Graduação*. v.01, n.02, p. 63-65, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Metodologia Científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis*. Editora Atlas; São Paulo: 2000.

LAURENTI, Carolina; BARROS, Mari Nilza Ferrari de. Identidade: Questões Conceituais e Contextuais. *Revista De Psicologia Social e Institucional*. v.2 ,n.1, 2000. Disponível em: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>. Acessado 12/12/08.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE Ana Maria Cavalcanti. *O discurso do sujeito coletivo – Um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. São Paulo: Editora Educ. 7ed. 2003.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. Portadores De Deficiência: a questão da inclusão social. *São Paulo em Perspectiva*. v.14, n.2, São Paulo. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200008&script=sci_arttext&tlng=en Acessado em 27/04/08.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações* v.7 n.13 São Paulo jun. 2002. Disponível em http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1413-29072002000100003&script=sci_arttext. Acessado em 30/03/08

MENIN, Maria Suzana De Stefano. Valores na escola. *Revista de Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1517-97022002000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em 26/04/2008.

PEREIRA, Cícero; LIMA, Marcos Eugênio; CAMINO, Leôncio. Sistemas de Valores e Atitudes Democráticas de Estudantes Universitários de João Pessoa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5217.pdf> Acessado em 30/03/08

POULAIN, Jean-Pierre; PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. *Revista de Nutrição*. vol.16 no.4 Campinas. 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-52732003000400001&script=sci_arttext&tlng=pt. Acessado em 30/03/08

RAMOS, Sandra Lima de Vasconcelos. O Papel da Inclusão Escolar na Formação da Identidade da Pessoa com Deficiência Visual. In: *IV Encontro de Pesquisa em educação da UFPI - Livro de Resumos*. Teresina : EDUFPI, 2006.

SACHWED, Maria da Salete. *A construção da Identidade social em condições de periferia metropolitana: uma abordagem sobre a fazenda Rio Grande- Região*

Metropolitana de Curitiba – RMC. Curitiba-PR: UFPR, 2007. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Doutorado Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná.

SILVA, Kátia Regina Xavier da; SALGADO, Simone da Silva. Construindo Culturas de Inclusão nas Aulas de Educação Física numa Perspectiva Humanista. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.45-53. 2005

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n. 48. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acessado em 14/09/08.

SKILAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. In: *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, vol. 24; N. 2, 1999.

STEIL, Andréia Valéria; PILLON, Ana Elisa; KERN, Vinícius Medina. Atitudes com relação à educação a distância em uma universidade. *Psicologia em Estudo*: v.10 n.2 Maringá mai./ago. 2005 Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt – Acessado em 27/05/08.

TAVARES, Júlio Emerson Baumart; KRUG, Hugo Norberto. Formação do profissional em educação física: um olhar para o processo de inclusão e inserção social. *Revista CEESP*, n.21. 2003. Disponível em <http://www.ufsm.br/ce/revista/ceesp/index2003.htm>.

TURRA, Virgínia. A formação da identidade. Disponível em <http://evaldovicente.blogspot.com/2007/10/formao-da-identidade.html>. Acessado em 19/04/08.

VENDITTI JÚNIOR, Rubens; WINTERSTEIN, Pedro José. Aspectos da liderança na Pedagogia do Movimento. Um fator psicológico no ambiente dos esportes, jogos e atividades físicas. *Revista Digital Educação Física e Deportes - Buenos Aires*, Ano 10, n. 83. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd83/lider.htm>

VINHA. Telma Pileggi. Valores Morais em Construção. *Revista AMAE-Educando*, nº285, agosto, pp.6-12. Belo Horizonte, 1999. Disponível em: http://www.csa.org.br/educ/imgs/infantil/A_construcao_de_Valores_na_Familia.doc. Acessado em 26/04/08

Endereço: Estrada da Boiada, 24 casa 12
Cond. Porto do Sol – Louveira - São Paulo
CEP: 13290000
e-mail: masgra@terra.com.br
Equipamento: multimídia - datashow